

POLÍTICA(S) DA(S) MASCULINIDADE(S) EM JJ BOLA

Antoniél dos Santos Gomes Filho

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

O presente manuscrito tem como objetivo apresentar as reflexões do escritor, poeta e educador congolês JJ Bola sobre as formas políticas como a masculinidade se apresenta. Metodologicamente o estudo é qualitativo, tendo como base uma resenha do livro: *Seja homem: a masculinidade desmascarada*. Para esse manuscrito apresenta-se uma leitura interpretativa do Capítulo 4 – Este mundo é dos homens: a política da masculinidade e a masculinidade da política. Considera-se que os escritos e reflexões de JJ Bola sobre as políticas da masculinidade e a masculinidade política são atravessadas por percepções oriundas dos processos da diáspora africana. Assim, pensar as masculinidades na contemporaneidade, é sobretudo, refletir os atravessamentos de classe, raça e orientação sexual e de gênero na produção de subjetividades de homens e mulheres (cis e trans) e seus agenciamentos no mundo social em que se vive.

Palavras-chave: Masculinidade. JJ Bola. Diáspora Africana.

POLITICS OF MASCULINITY IN JJ BOLA

ABSTRACT

This manuscript aims to present the reflections of Congolese writer, poet and educator JJ Bola on the political ways in which masculinity presents itself. Methodologically, the study is qualitative, based on a review of the book: *Be a Man: Masculinity Unmasked*. This manuscript presents an interpretative reading of Chapter 4 - This is a man's world: the politics of masculinity and the masculinity of politics. It is considered that JJ Bola's writings and reflections on the politics of masculinity and political masculinity are crossed by perceptions stemming from the processes of the African diaspora. Thus, to think about masculinities in contemporary times is above all to reflect on the intersections of class, race and sexual and gender orientation in the production of subjectivities of men and women (cis and trans) and their agency in the social world in which they live.

Keywords: Masculinity. JJ Bola. African Diaspora.

Instituição afiliada – Universidade Regional do Cariri (Campus Bárbara de Alencar – Campos Sales-CE) e Universidade Federal do Cariri (PRODER-CNPq)

Dados da publicação: Artigo publicado em Janeiro de 2025

DOI: <https://doi.org/10.36557/pbpc.v4i1.295>

Autor correspondente: *Antoniél dos Santos Gomes Filho*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



1 INTRODUÇÃO

Os debates e reflexões sobre as masculinidades e suas formas e manifestações políticas em âmbito social brasileiro são foco de estudos e pesquisas acadêmicas desde meados dos anos 1990, quando da tradução e publicação do artigo: *Políticas da Maculidade*, de Raewyn Connell (1995) na Revista Educação e Realidade. Um ponto importante do texto é o debate proposto por Connell no que diz respeito a um conceito de gênero ampliado, assim, “[...] o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade, tendo, na verdade, uma importante dimensão internacional.” (Connell, 1995, p. 189).

Vale ressaltar a entrada de tais conceitos no mundo acadêmico e social ocidental euro-estadunidense, tornando-se referência nos debates sobre masculinidade(s). Cabe, portanto, pensar como as masculinidades são produzidas em contextos pan-africanos (Rea; Paradis; Amancio, 2018; Adi, 2022). Nesse sentido, o presente manuscrito tem como objetivo apresentar as reflexões do escritor, poeta e educador congolês JJ Bola sobre as formas políticas como a masculinidade se apresenta.

O presente estudo junta-se ao conjunto de outros manuscritos do presente autor sobre a obra de JJ Bola, o livro: *Seja homem: a masculinidade desmascarada*, construindo assim uma resenha ampla (Gomes Filho, 2024). É importante frisar que cada capítulo do livro produz múltiplas reflexões sobre as formas de ser e estar em um mundo estruturado sob o gênero, assim pensar os processos de subjetivação em estruturas socialmente constituídas como masculinas é fundamental para romper com formas de opressão social que atingem os homens de forma ampliada, mas, especialmente homens que são atravessados por marcadores sociais da diferença de classe, raça e orientação sexual e de gênero.

2 METODOLOGIA

O presente estudo apresenta um caráter qualitativo (Flick, 2009), tendo como base uma resenha do livro: *Seja homem: a masculinidade desmascarada*, do escritor, poeta e educador congolês JJ Bola. Para esse manuscrito apresenta-se uma leitura interpretativa do Capítulo 4 – Este mundo é dos homens: a política da masculinidade e a masculinidade da política.

Para Medeiros (2000), a leitura interpretativa é aquela que demanda do

pesquisador-leitor um conhecimento informacional sobre o tema estudado, uma vez que, será necessário uma compreensão literal, seguido de uma análise para verificar as partes que compõem o texto, produzindo assim uma síntese capaz de apontar as ideias principais do texto o que produz um processo de avaliação e aplicação do texto em outros contextos.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

JJ Bola (2020) recordando o processo de refúgio político de sua família, quando saíram da República Democrática do Congo, durante o regime ditatorial do presidente Mobutu, passou a morar no Reino Unido no início dos anos de 1990. JJ Bola apresenta reflexões sobre o desejo de acumular poder por parte dos homens que foram ditadores e estadistas.

JJ Bola, aponta para a socialização dos meninos, que desde muito cedo são educados para serem autoritários e violentos, tal processo é atravessado por brincadeiras que envolvem lutas físicas, armas e soldados de brinquedo ou a criança imaginando-se soldado. Logo, a brincadeira requer a aparição de um “Outro”, que é tomado como inimigo que deve ser destruído, produzindo assim, a normalização da dominação masculina.

Observando o panorama mundial dos líderes de Estado, JJ Bola (2020) mostra como a grande maioria dos líderes e chefes de Estado são homens, estendendo-se também para as casas legislativas. Para uma mudança desse cenário, JJ Bola aponta que devemos (re)pensar as relações da sociedade com a violência. Diz JJ Bola:

Lutas, guerras e conflitos ainda são, até certo ponto, idealizados em nossa cultura — por exemplo, por meio de videogames populares como Call of duty, God of war e Halo. O efeito desses jogos não é apenas a normalização da violência extrema, ou a criação de um espaço de contato social para os jovens, mas também o reforço constante da ideia do "Outro", que logo assume um caráter de inimigo (Bola, 2020, p. 83).

A ideia contínua de violência acompanha os homens em suas vidas, ao passo, que muitos crescem com a mentalidade que para manter sua masculinidade deve estar pronto para “matar ou morrer”, pois, o que era brincadeira na infância pode se tornar

realidade em algum momento da vida adulta do homem.

Essa ideia também se instala numa perspectiva macrosocial, uma vez que, masculinidade, violência e nacionalismos se atravessam na figura de seus líderes, produzindo assim invasões militares e guerras em nome de uma suposta defesa e proteção de um “Outro” inimigo, onde o país e nação devem ser protegidos. Logo, estamos diante de fantasias de poder, violência e dominação de homens que ocupam cargos de liderança nacional, sendo a decisão de vida e morte dependente desse ego masculino, que é perigoso e está na esfera política.

As mulheres não escapam desta formatação. Como aponta JJ Bola (2020), as mulheres no campo político não podem, e não têm o privilégio de expressar sua feminilidade, do mesmo modo que os homens são estimulados e legitimados a expressar sua masculinidade no meio político, público e corporativo.

Logo, deve-se pensar nos aspectos que estruturam as sociedades ocidentais: o imperialismo dos países colonizadores, o capitalismo e o patriarcado, que inserem as mulheres num lugar de masculinização, ou seja, para alcançar postos e cargos de liderança política e corporativa, as mulheres devem apresentar comportamentos considerados masculinos. Mas, isso não se dá para todas as mulheres, uma vez que, no mundo corporativo das grandes empresas, são mulheres brancas que conseguem, primeiro entrar nas corporações, e depois, angariar postos e cargos mais elevados.

Outro tema que surge quando masculinidade, política e violência são cruzadas é a questão do extremismo. JJ Bola (2020), levanta a questão da radicalização de homens, adolescentes e jovens adultos, e como a masculinidade é solicitada como objeto central.

Partindo dos estudos do sociólogo Michael Kimmel, JJ Bola (2020, p. 89) escreve: “[...] a masculinidade é a principal causa para tantos jovens continuarem a entrar em movimentos políticos violentos — a masculinidade é a cola social que mantém todas essas identidades unidas.”. Os jovens que estão nestes grupos têm um sentimento de direito lesado, ou seja, acham que por serem homens têm direitos e privilégios intrínsecos a esta condição biológica, ao passo que são confrontados com a realidade e percebem que a o mundo real, não é o mundo digital dos videogames, acreditam que sua masculinidade está em perigo, logo, devem tomar medidas extremas para recuperação e proteção de sua masculinidade.

Portanto, a masculinidade é o elo que junta todos os grupos extremistas. Uma

outra face deste cruzamento é aquela que ocorre numa perspectiva nacional, ou seja, uma parcela de homens de um determinado país sente que sua masculinidade está ameaçada, que seus privilégios por serem homens estão sendo retirados. Aqui, diferente do extremismo, vamos ter outros dispositivos de restauração desta suposta perda e ameaça da masculinidade. A responsabilização das mulheres pelas violências, como, estupro, abuso sexual e assédio, cometidos por homens brancos é um exemplo.

JJ Bola (2020, p. 93), aponta uma questão importante, sobre o patriarcado, que é “[...] um sistema que concede privilégios ao sexo masculino, mas ele não favorece todos os homens da mesma forma — os benefícios do patriarcado são reservados apenas para poucos integrantes de uma elite, uma suposta classe superior de homens [...]”. Portanto, quando o privilégio do homem na sociedade não é homogêneo, uma vez que, podemos observar que homens brancos, heterossexuais, classe média alta e cristãos, são detentores desse privilégio, enquanto aos demais homens brancos e pretos, os privilégios da masculinidade são diluídos conforme fatores de raça, sexualidade, classe, nacionalidade, dentre outros marcadores da diferença social.

4 CONCLUSÃO

Conforme observado, os escritos e reflexões de JJ Bola sobre as políticas da masculinidade e a masculinidade política são atravessadas por percepções oriundas dos processos da diáspora africana. Assim, pensar as masculinidades na contemporaneidade, é sobretudo, refletir os atravessamentos de classe, raça e orientação sexual e de gênero na produção de subjetividades de homens e mulheres (cis e trans) e seus agenciamentos no mundo social em que se vive.

JJ Bola nos aponta como a violência torna-se uma característica fundante da masculinidade. Desde a infância há uma produção do gênero masculino embasado na violência contra o outro, mas, também contra si. O olhar de JJ Bolla sobre como essa violência que é brincar na infância, torna-se letal na vida adulta, tanto em seus aspectos físicos, como em seus aspectos simbólicos e sentimentais.

A construção de uma masculinidade rígida sem espaços para outras formas de demonstração de afeto, sentimentos e desejos dos homens, atinge também as mulheres, tanto nos aspectos relacionais afetivos e românticos, como também no mundo corporativo do trabalho, já que as mulheres nesses espaços têm que se

masculinizar.

Por fim, JJ Bola nos mostra que os privilégios de homens (cis) não se dão de modo igual, ou seja, homens que não se enquadrem no padrão branco, heterossexual, classe média alta e cristão, não irá gozar dos privilégios socialmente construídos para o masculino hegemônico (Connell; Messerschmidt, 2013). Assim, os escritos de JJ Bola apresentam uma reflexão interseccional, pois, homens negros, diaspóricos, heterossexuais e de religiões não-cristas estão inseridos, no que chamaria de “circuitos da masculinidade”, nas suas margens, sendo que, quando se pensa em homens cuja orientação sexual e de gênero é dissidente, há uma maior marginalização dentro desse circuito da masculinidade.

5 REFERÊNCIAS

ADI, H. **Pan-africanismo**: uma história. Salvador: EDUFBA, 2022.

BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

CONNEL, R. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES FILHO, A. S. Os mitos da(s) masculinidade(s) negra(s) em JJ Bola. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v. 7, n. 1, p. 258-275, 2024.

MEDEIROS, J. B. **Redação Científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

REA, C.; PARADIS, C. G.; AMANCIO, I. M. S. (Orgs.). **Traduzindo a África Queer**. Salvador: Editora Devires, 2018.